

Na vigília do eu, o encontro do outro

Ana Cristina Westphal¹

“...vivemos, nós também, um desses momentos em que a história, em suspenso, as instituições ameaçadas de nulidade, exigem do homem decisões fundamentais e em que o risco é total, visto que o sentido final das decisões tomadas depende de uma conjuntura que não é completamente conhecível (...) quando se tem a infelicidade ou a sorte de se viver uma época, um desses momentos em que o solo tradicional de uma nação ou de uma sociedade rui, e em que, quer queira quer não, o homem deve reconstruir, ele próprio, as relações humanas, então a liberdade de cada um ameaça de morte a dos outros, e a violência reaparece.”²

Ao ler-se este excerto de *Humanismo e Terror*, texto escrito por Merleau-Ponty em 1946 e publicado em 1947, tem-se a sensação, por razões análogas, de uma reflexão política que toma como referência situacional o momento presente

¹ Ana Westphal é doutoranda em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Autora do livro *A pintura como modelo para uma filosofia da expressão* [2018], dedica-se, atualmente, à pesquisa em Estética.

² MERLEAU-PONTY, Maurice. *Préface par Maurice Merleau-Ponty - Humanisme et terreur: essai sur le problème communiste*. In: *Oeuvres*. Édition établie et préfacée par Claude Lefort. Paris: Gallimard, 2010. pp. 187-8

...nous avons vécu, nous aussi, un de ces moments où l'histoire en suspens, les institutions menacées de nullité exigent de l'homme des décisions fondamentales, et où le risque est entier parce que le sens final des décisions prises dépend d'une conjoncture qui n'est pas entièrement connaissable (...) quand on a le malheur ou la chance de vivre une époque, un de ces moments où le sol traditionnel d'une nation ou d'une société s'effondre, et où, bon gré mal gré, l'homme doit reconstruire lui-même les rapports humains, alors la liberté de chacun menace de mort celle des autres et la violence reparait.

vivido no Brasil - embora possa-se estendê-lo a um movimento que estoura limites nacionais. Portanto, ao se retomar a inferência de Merleau-Ponty, se o faz pela atualidade de seu pensamento, isto é, pelos visíveis laços que sua reflexão filosófica estabelece com nossa contemporaneidade, ainda, por perceber-se que sua fala revela o destino do homem comum, homem que ao entregar-se como modelo-vivo à condição humana, o faz, em um primeiro momento, sem nenhum comprometimento com discursos políticos, filosóficos ou antropológicos. E então pergunta-se, ele o faz sob que circunstância? Pode-se dizer, até certo ponto, que sua ação imediata resulta de seu olhar, que é o esbarrar no outro o mote que o leva a agir, por conseguinte, que a pluralidade é um aspecto fundamental da condição humana. Desse modo, ao tomar-se o encontro eu-outro como afirmador da quintessência humana, se está, para além da analogia, afirmando a co-vivência como caminho constitutivo à realidade da vida. Assim, ao resumir-lhe o sentido, ou seja, ao afirmar que a materialidade das ações humanas se dá a partir do encontro eu-outro, toma-se a relação como hipérbole desta imagem, imagem capaz de evidenciar as situações que envolvem pensar a existência como co-existência, como viver coletivo. Se todos os homens nascem livres e iguais, trata-se, então, de falar sobre o homem a partir deste pressuposto. Desse modo, ao se recolocar tal questão em pleno século XXI, se o faz porque, ainda hoje, sua coerência interna contradiz a realidade, porque, ainda hoje, seu requinte lógico, professado aos quatro ventos, não consegue fazer a transposição do plano filosófico à ação, de seu exercício hipotético à universalidade de sua visada. E então pergunta-se, por quanto tempo ainda ver-se-á o compartilhar das composições canônicas sobre o humanismo, resultar em nada, ou pior, por quanto tempo ainda teremos que suportar vê-las envoltas por uma aridez dogmática que as descadeira?

Ora, se tal questão, recorrente e sem novidade, é constantemente recolocada, crê-se que é por ser possível, de um modo ou de outro, fazer valer a utopia para além de uma experimentação mental, ao elevar-se o conceito à vida, a alma à ideia. Portanto, desarrazoados aqueles que constroem o homem comum aos caminhos áridos e desérticos da intolerância Seus olhos, pensativos, desejam o moderado equilíbrio, equilíbrio que o torne capaz de urdir as dimensões pessoais e afetivas de sua vida à presença do outro. Além disso, se, por um lado, o encontro com o outro encaminha o eu à terra dos homens, por outro lado, é somente em decorrência deste encontro que o eu se torna capaz de perceber-se sob o céu das ideias. Assim sendo, ao afastar-se do homem ideologizado de “tipo puro”, homem que impelido às margens, esquerda ou direita, tem os limites da própria existência reduzidos por extremos totalitários, ser-se-á possível, ao homem comum, desmascarar os sistemas que desejam sujeitá-lo à *servidão voluntária*, travestindo-a de benfazeja.

Aqui, o homem comum aparece como aquele que, ao longo da história, tem carregado nos ombros ruínas que descendem de um bricabraque construído de

desvarios teóricos e vícios ideológicos. Circundados por uma aura humanista, tais discursos são, na realidade, discursos tirânicos que gananciam os direitos do homem comum. Desse modo, ao se aceitar a ferocidade dos discursos autocráticos, discursos que imputam aos homens uma vida sem autoria, perde-se de vista o problema, acata-se o perfilamento. Aliciado, o homem comum assume o papel de colaborador. Conquanto, esta possibilidade não lhe é dada como única. Assim, quando ao contrário do dito, o homem comum compreende que não está lançado à própria sorte, ele atém-se às artimanhas dos jogos e, ao entrever sua condenação futura, refuta o destino que lhe é imposto de antemão. Ao julgar pelos olhos, ele vê, ao olhar para trás, que a história arromba-lhe a porta, escancara-lhe a factícia servidão, ao olhar para frente, que o presente o imputa à ação. Desse modo, cabe ao homem comum libertar-se da ambiguidade das formas que o encarceram, embrenhando-se na luta para quebrar o círculo do oportunismo que envolve os poderes ditatoriais, poderes que logram o sacrifício de sua liberdade.

Assim sendo, ao se pensar no desejo de querer viver bem como referência, ou como ideia de fundo que norteia a vida do homem comum, não se escapa de uma reexposição temática sobre ética e alteridade. Por conseguinte, se tal ideia coincide com a busca que lhe assombra a alma, entende-se que o homem comum, sujeito à necessidade e condenado à cotidianidade, tem, cedo ou tarde, a credulice que lhe é inculcada, solapada pela evidência que lhe fere a carne. Neste momento ser-lhe-á possível perceber que ao navegar o rio, nenhuma das margens lhe garante uma paragem segura. Conquanto, pode-se pensar: que resta àquele que não opta por uma das margens? Não será ele um homem sem lugar, um homem à deriva? Ora, postar-se contra termos absolutos não significa fluir sem rumo. O conduzir do timão da própria vida confere, ao homem comum, condições para resistir à violência dos ventos que lhe sopram o inaceitável. Ao vislumbrar uma margem-outra, ele percebe que a superação das antíteses é capaz de desvelar, nos limites da realidade empírica, a percepção do que implica transpô-las, isto é, é capaz de dar-lhe, de maneira clara, o modo de sua instituição. É preciso entender que a divisão lhe é imposta por um tipo de pensamento que, em analogia ao dito por Merleau-Ponty, *“sequer é totalitário, que é um monismo do terror – a angústia, o fracasso a vergonha reivindicados no desespero e disfarçados em políticas. Tudo isso é um fascismo no sentido mais preciso do termo (...) subestimação do visível em proveito do oculto”*³. Ao desviar-se do visível o homem comum fecha os olhos à constatação de que o modelo meio-fim é um modelo instrumental devastador, modelo que abre as portas para justificação de atos injustificáveis.

Desse modo, é preciso não esquecer que fendida a relação eu-outro, passa-se a viver em uma espécie de desamparo existencial. Assolado por um regime de

³ MERLEAU-PONTY, Maurice. XIV. *Amanhã...* [entrevistas]. In: *Signos*. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1991. pp. 384-5

“separação”, o que resta ao homem comum? Resta-lhe, no isolamento de uma sociedade cindida, uma situação de crise permanente. O encontro eu-outro desvela uma afinidade do homem com o homem, fá-los acessar um repertório comum que os motiva à união, que os inscreve como implorantes do bem comum; valor completamente esquecido por aqueles que os impõem à divisão, instigando-os a aceitar apenas aqueles que lhes chegam como um “outro ele mesmo”, persuadindo-os a considerar a divergência culpável e punível. Mas, se se toma como certo que o homem visa, de modo irrestrito, sua vocação ao outro, certo também que a qualidade das relações humanas é determinante do bem viver. Ao olhar-se como aquele que “está entre”, o homem comum acolhe o outro com novos olhos. *Grosso modo*, pode-se dizer que neste momento o homem comum toca o verdadeiro humanismo, humanismo que deve tomar “*como problema a relação do homem com o homem e a constituição, entre eles, de uma situação e de uma história que lhes sejam comuns*”⁴.

Nesse sentido, vê-se que o contínuo redesenhar de aspiração ao bem comum, carrega como característica de nosso tempo, diz Merleau-Ponty, “*dissociar o humanismo e a ideia de uma humanidade de pleno direito, e não só conciliar, mas também ter por inseparáveis a consciência dos valores humanos e aquela das infraestruturas que os sustentam na existência*”⁵. Desse modo, se a vida não é uma dádiva que se pode aceitar ou negar, ela exige, para sua efetivação, que as ideias professadas se deem, em concreção, na vida do homem que as vivencia. Projeto no qual o homem comum, ao refutar o destino, assume-se como verdadeiro autor de si mesmo. Em seu relato autobiográfico, ele narra uma história que é tecida do embaralhamento de olhares, e guarda, em seu sentido mais íntimo, a vida exercida de modo pleno, como resposta ao verdadeiro humanismo.

É assim que, no horizonte das margens navegadas, surge a possibilidade de ampliação e refiguração da resposta dada pelo homem comum ao “*monismo do terror*”; ali, onde a trama é tramada na marra, na forja de cânones de divinas proporções, na legitimação ilegítima das relações estabelecidas de modo derrisório entre o alto e o baixo. Neste difícil contexto a nostalgia política é vivida sob o plano da teoria, vocacionada, unicamente, à definição do ideal programático, como absoluto. Certamente, desvencilhar-se dos sistemas que não respondem com representatividade ao homem comum, é um problema perpassado por questões de natureza jurídica e moral, que, por sua vez, estão ligadas à ambiguidade identitária, ou seja, a um contexto histórico-filosófico-cultural, mas paradoxalmente, também, à inexorável pluralidade humana; pois, “*uma sociedade não é o templo dos valores-ídolos que figuram nos seus monumentos ou*

⁴ _____. *Nota sobre Maquiavel*. In: *Signos*. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p.251

⁵ _____. *O homem e a adversidade*. In: *Signos*. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p.256

nos textos constitucionais, uma sociedade vale no que nela valem as relações do homem com o homem”⁶.

Consolo e justificação são apenas sobras. Neste caso, sobra ao homem comum somente as sobras? Sim, se se admite que o homem comum permanecerá acorrentado à solidão de sua heciedade, não, se se o percebe consciente do momento presente em que vive. Expropriado da produção de sua própria vida, ele tem como saída, ou como resposta à leitura de seu presente “*a imaginação, o saber novo, a iniciativa (...) por hora, estamos ainda nas palavras, nas mesmas palavras que a esquerda havia lançado e que a direita só aceitava se continuassem palavras. Portanto, é realmente inútil questionar o regime dos partidos no momento em que se retoma a política de um deles.*”⁷ Não se trata – na amplitude de uma leitura merleau-pontyana - de uma luta entre direita e esquerda, trata-se, diz Merleau-Ponty, de livrar a democracia da indigência política da direita e dos discursos titubeantes da esquerda, mas trata-se, sobre tudo, de livrar-se dos “*grupos de pressão*”⁸; *grupos de pressão* que não confessam, nem entre os seus, a condição de ingerência que carregam nos bolsos, isto é, a inaptidão em responder com validade à realidade. Desviada a atenção do homem comum da tirania instaurada, pode-se se perguntar: mas diante do dito, o que há a fazer? Tal perplexidade não pode lançar o homem comum ao fosso da inação, ao contrário, deve colocá-lo de sobreaviso. Aterrado pelo visto, cabe a ele buscar, na prática de sua liberdade, as verdadeiras questões, pois quando as forças existentes são confusas, deve-se *começar por falar com justeza*⁹, diz Merleau-Ponty. Nesse sentido, lhe é necessário compreender a amplitude dialogal implícita no falar com justeza, *grosso modo*, pode-se dizer que o problema está, silenciosamente, relacionado à pluralidade das relações e a sua intimidação, pois, liquidando-a, ou, alienando-a na solidão de uma existência única, o homem comum perde a face, torna-se apenas mais um homem entre os outros.

Portanto, a questão exige, do homem comum, uma vida engajada, vida que, pela refutação consciente do poder que a violenta, resista à aniquilação de sua liberdade, ao assolamento de sua esperança. Cuida-se para que se tome por vida engajada, o reconhecimento dado por Merleau-Ponty à filosofia engajada: “*muito simplesmente, uma filosofia que não define e não preconiza um valor sem o submeter à prova de situações concretas, nas quais ela está destinada a se manifestar*”¹⁰. A vida

⁶ _____. *Prefácio*. In: *Humanismo e terror*. Trad. Naume Ladosky. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1968. p.10

⁷ _____. XIV. *Amanhã... [entrevistas]*. In: *Signos*. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1991. pp. 386-7

⁸ Segundo Merleau-Ponty, direita e esquerda deixaram de ser partidos, ao transformarem-se em grupos de pressão. Apud: idem, p.388-9

⁹ Idem, pp. 390

¹⁰ “*tout simplement une philosophie qui ne définit et ne préconise pas une valeur sans la mettre à l'épreuve des situations concrètes dans lesquelles elle est destinée à se manifester*” MERLEAU-PONTY, Maurice.

engajada, praticada sob a forma da ação conjunta, implica interrogar-se sobre si mesmo, olhar-se, olhando o outro em seus plenos e em seus vazios. Ao desempenhar seu papel na vida coletiva, o eu deve visar, para si e para o outro, as mesmas determinações éticas e morais, a fim de que a relação eu-outro possa aparecer fora das *“origens passionais e ilegais de toda legalidade e de toda razão”*¹¹, onde o dever-ser não opõe-se a ser. Ao narra-se a si mesmo o eu abre espaço para o outro. É desse modo que Merleau-Ponty insiste no compromisso do homem com o homem, motivo pelo qual atém-se às relações que o mantêm interrogado: *“e nós, homens vivos, a que tudo isso nos leva, que temos nós a fazer desse mundo e dessa história?”*¹² Ora, tal qual, poder-se-á dizer que cabe ao homem comum *combater a adaptação, revelar as exigências, espreitar e colocar em evidência o sublime, esses momentos quase impossíveis onde as contradições são levantadas*¹³.

Desapossado de suas qualidades sensíveis, o homem comum perde sua potência singular de resistência e de criação. Portanto, ao purgar-se de sua passividade, o homem comum desvencilha-se do perverso círculo do poder que o enclausura, abre-se ao exercício de sua liberdade, encaminha-se em direção à *“máxima”*: todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos. Mas afinal, *“quem sou eu para falar tanto sobre isso? Os oficiais vaticinam, os professores preparam a pena. Onde estão os conselheiros do povo, não têm mais nada a nos dizer para além de seus pesares?”*¹⁴

Ana Westphal

La philosophie. In: *Entretiens avec Georges Charbonnier et autres dialogues – 1946-1959*. Transcription, avant-propos et annotations de Jérôme Melançon. p.73

¹¹ _____. *A ambiguidade da história conforme Boukharine*. In: *Humanismo e terror*. Trad. Naume Ladosky. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1968. p.10

¹² *“...et nous, hommes vivants à qui tout cela aboutit, qu’avons-nous à faire de ce monde et cette histoire?”* Idem, p.79

¹³ *“combattre l’accoutumance, réveiller des exigences, guetter et signaler le sublime, ces moments presque impossibles où des contradictions sont levées...”* Idem, Ibidem.

¹⁴ MERLEAU-PONTY, Maurice. XIV. *Amanhã...* [entrevistas]. In: *Signos*. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p.392